

O Ser-Tempo em Dogen e a Educação Transdisciplinar¹

Ivone Maia de Mello²

A escrita se impõe como ofício cotidiano, exercício de tentar dizer o que pode apenas ser margeado. Exercício exigente de ir à raiz das coisas e voltar com alguma impressão que funciona nesse mundo apenas através de seu simulacro. Ainda assim, necessário, sejam vários os motivos.

Após a chegada à nova cidade, um tempo de estranhamento e de descoberta. O espaço reflexivo se torna âncora, referência de um fazer conhecido e lugar de elaboração de referências. O espaço do diálogo e das surpresas paradigmáticas se oferece como ateliê onde novas formas se configuram na mente dos que frequentam esse tempo-lugar. Imagens, sons, silêncios. Muito além do que possa ser descrito, o que acontece está fora do passível de medição ou quantificação.

A experiência do tempo se apresenta por vezes imóvel, ou tão lenta que se torna imperceptível seu movimento. Outras vezes rápida que dele não podemos perceber a passagem. E surge uma primeira questão: O tempo se move como costumamos nos referir a ele? Ou isso é uma criação de nossa mente para a experiência que se dá no âmbito de nossos pensamentos que em seu surgir e desaparecer cria a impressão de seqüência e, por conseguinte, de continuidade? Para examinar essa primeira questão iniciamos por nossas próprias concepções, buscando sua origem nas raízes culturais a partir das quais aprendemos a ler o tempo.

A forma de compreender o que é Tempo predominante na sociedade em que vivemos tem sua base na chamada cultura ocidental de origem greco-romana/judaico-cristã. Essas referências ocidentais do pensamento filosófico apontam algumas formas de compreender o tempo, que aparece como parte mensurável do movimento, a partir de Platão que o compreende como reprodução no movimento da imutabilidade do ser eterno (PLATÃO, 2005, 37d), já Aristóteles, no livro IV da Física identifica o tempo como

“o número do movimento conforme o antes e o depois”(ABBAGNANO, 1982,p.909).

¹ Comunicação de estudos iniciais relacionados ao Projeto de Tese de Doutorado em Educação pela UFBA.

² Doutoranda em Educação na UFBA- Universidade Federal da Bahia. Email: windzen@gmail.com

A visão do tempo como parte mensurável do movimento é partilhada a partir desses pensadores, na Antiguidade, passando pela Idade Média, vindo a constituir a base do pensamento científico moderno. Nesta perspectiva o tempo é compreendido como duração, de forma contínua, linear que pressupõe a sucessão do antes e do depois. Para constituir essa visão tomava-se os movimentos uniformes como medidas para os movimentos não uniformes, como por exemplo o movimento dos astros servindo como referência para medir o movimento humano. A partir de Kant (*Crítica da Razão Pura*, na *Analítica dos Princípios*, cap. II, sec. III,3), o tempo passa a considerar uma ordem causal, em substituição à ordem de sucessão. A partir de seu pensamento a causalidade passa a integrar a compreensão do tempo como ordem das cadeias causais na teoria da relatividade, em que sua direção é definida como entropia crescente. Dessa forma o antes e o depois se configuram como eventos que se sucedem e dão surgimento uns aos outros. Nessa discussão está incluída uma compreensão sobre a subjetividade e objetividade do tempo, que é entendido como se dando independente da percepção, mas somente podendo ser apreendida a partir dela, que dessa forma possui uma dimensão objetiva e subjetiva.

Um outra compreensão do tempo o aponta como sentido interno, intuição do movimento. Essa compreensão aparece em Hegel e Schelling, mas desde Santo Agostinho o tempo já aparece como consciência, em suas *Confissões* (XI) em que ele nega a existência de três tempos (passado, presente e futuro), afirmando que apenas existem na alma como espera do futuro ou memória do passado, sendo o tempo presente o único existente. Essa concepção é rerepresentada por Bérqson em sua referência ao tempo como ‘tempo vivido’ como duração da consciência. (BERGSON, 2006).

De maneira semelhante, o tempo fenomenológico aparece em Husserl como um infinito contínuo de experiências vividas. Cada experiência tem começo e final, mas a corrente de experiências não pode começar, nem acabar, seria um eterno presente.(conf. ABBAGNANO, 1982, p. 911)

Uma terceira abordagem do conceito de tempo no pensamento ocidental podemos conhecer a partir do pensamento de Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo* que o coloca como possibilidade, com uma ênfase no futuro na interpretação do tempo. Deixa assim de atender a uma ordem necessária para abrir-se às muitas ordens possíveis. O passado e o futuro compreendidos num círculo de possibilidades em que ambos podem ser modificados. O chegar a si mesmo como marco da autenticidade do tempo.

Para caminhar em nossa reflexão sobre o tempo, consideramos a filosofia a partir da experiência de abertura para interrogar os conceitos, sentidos, vivências no que chamamos de atitude filosófica. Partilhamos da concepção de que o filosofar precisa se inscrever na experiência direta de cada um, a partir do encontro com uma intuição própria, como sabedoria pessoal que se expressa como modo de ser, no acontecimento fluente do viver cotidiano. Um pensar em sentido próprio, que tem a vida como campo de pesquisa, dialogando com as muitas referências existentes em nosso campo de compreensão.

O tempo vivido se inscreve como 'tempo que passa' na medida em que está relacionado à nossa fisiologia, e por consequência aos processos coletivos de funcionamento social que estabelecem alguns limites e possibilidades. É o tempo que precisamos agendar para juntos podermos desenvolver uma atividade, é o tempo do nosso corpo que pede uma pausa em nossos estudos para resolver suas necessidades.

De maneira simultânea temos a experiência do tempo de compreender, tempo de perceber, tempo do sentir, que é de outra ordem e não pode ser quantificado, medido, mas apenas intuído, mas nem por isso menos real. É o tempo subjetivo, que opera na instataneidade, no agora, embora nunca possamos prever quando e como irá ocorrer. Uma aproximação possível se dá pela preparação das condições favoráveis, que, no entanto, não garantem sua ocorrência. Esse tempo não opera conforme os dias e as noites, nem de acordo com a nossa moderna máquina de contar o tempo.

Encontramos no Shobogenzo um capítulo em que Dogen aborda a relação com o tempo e dele com o caminho budista como um todo. O significado do tempo no budismo pode ser compreendido já a partir do ideograma que é utilizado para expressá-lo: UJI, onde U significa existência e JI significa tempo. Essa compreensão do tempo como a própria existência é o que se apresenta como possibilidade no entendimento fenomenológico-existencial do pensamento ocidental, na medida em que coloca a questão da autenticidade do viver no centro de seu questionamento.

Tempo como medida do movimento, tempo como consciência e tempo como possibilidade. É com essas três idéias de tempo que começamos nosso diálogo com o pensamento de Eihei Dogen, buscando a partir dessa reflexão compreender como o tempo está presente no educar e que contribuições podemos trazer para pensar a práxis educativa quando consideramos a simultaneidade de vários níveis de realidade presentes na relação existência-tempo apresentada por Dogen.

Existência-tempo, como uma unidade inseparável, apresenta a ação que se realiza no tempo, e o tempo que se realiza na ação. Esse tempo aparece com mais de uma dimensão. Ele

é o tempo linear, como usualmente o compreendemos, sem que isso se oponha a uma outra compreensão do tempo como momento, instante. Os momentos do tempo são os seres existentes, e a existência é compreendida como momentos do tempo. Na experiência de um grande mestre, citado por Dogen, a experiência de momentos do tempo se apresenta de forma descontínua, como diferentes experiências, estados existenciais, espirituais, que podem ser vividos, cada momento do tempo sendo também momentos existenciais:

*“Um eterno Buda³ diz:
 Algumas vezes no topo da mais alta montanha⁴,
 Algumas vezes movendo-se pelo chão do mais profundo oceano⁵,
 Algumas vezes três cabeças e oito braços⁶
 Algumas vezes seis pés ou oito pés⁷
 Algumas vezes um bastão de madeira ou um espanador⁸
 Algumas vezes um pilar ou uma lanterna de pedra⁹
 Algumas vezes o terceiro filho de Chang ou o quarto filho de Lee¹⁰
 Algumas vezes a Terra e o espaço¹¹”*

Dogen chama a atenção sobre a necessidade de aprender sobre o tempo e a existência como uma só unidade através da meditação e através de todas as situações comuns da vida cotidiana. Dessa forma as diversas experiências e momentos do aprendizado estão integrados, e ao mesmo tempo relacionados a dimensões diversas da realidade vivida. A experiência do tempo linear não se contrapõe ao tempo do instante. São experiências paralelas, que nos mostram como a compreensão do terceiro termo incluído, de que nos fala a perspectiva

³ Os tradutores consideram essa referência de Dogen uma forma de citar um antigo mestre Yakusan Iguen. As imagens que ele descreve a seguir são possíveis estados mentais que podem ser experimentados por uma mesma pessoa em diferentes momentos do tempo, sem que obedeçam a uma lógica linear.

⁴ Essa imagem remete ao estado mental de lucidez ou clareza de visão, como a que pode ser experimentada a partir do topo de uma montanha.

⁵ Essa imagem refere-se ao estado profundo de meditação e silêncio, denominado Samadhi, em que os sentidos são suspensos e corpo e mente repousam em profunda paz e silêncio.

⁶ Imagem de uma divindade demoníaca, que representa as perturbações causadas pelas paixões e apegos.

⁷ Imagem do Buda, representando a condição mental do estado de iluminação, a liberação de todo sofrimento e perturbação, estado de serenidade.

⁸ Objetos utilizados pelos monges durante os rituais, objetos comuns de uso cotidiano que são eles também momentos do tempo. Participam da transmissão dos ensinamentos fazendo parte do ser-tempo da transmissão.

⁹ O pilar do templo ou a lanterna de pedra, típicas construções budistas, compreendidas como objetos comuns do cotidiano que são eles também tempo. A vida comum é ser-tempo.

¹⁰ Uma referência à filiação mundana, que representa o fato de sermos todos pessoas comuns, em meio ao mundo secular, isso entendido não como uma condição permanente, mas como um momento do tempo.

¹¹ A possibilidade de experimentar uma identificação com tudo que existe.

transdisciplinar, se aproxima de sua compreensão da não-dualidade, da convivência entre elementos paradoxais. Ele nos diz:

“Nós não podemos nunca medir o quanto é longo e distante ou curto e apressado o tempo de doze horas, ao mesmo tempo, as chamamos de doze horas” (DOGEN,1998,p.110)

Temos essa experiência em nossa vida diária. Quando estamos apressados o tempo parece curto, mas se temos que esperar por algo, ele parece longo e distante. Ao mesmo tempo se estamos tranquilos, assim se parece o mundo aos nossos olhos. Quando experimentamos o caos dentro de nós, assim também vemos o mundo. Para Dogen, cada ser, cada objeto, são instantes do tempo. Há uma simultaneidade entre os tempos existentes. Há estados mentais que se produzem ao mesmo tempo, assim como existem momentos que produzem os mesmos estados mentais. Entretanto, ao chegar à experiência do inefável, apenas uma realidade se apresenta à compreensão. Aqui e agora, além do entendimento e do não-entendimento. A verdadeira existência é esse exato momento, cada momento da existência-tempo é a totalidade do tempo, e todas as coisas são tempo.

Nessa perspectiva, tudo existe em momentos individuais do tempo. Todas as coisas no universo inteiro existem no momento presente. O passado está inscrito no agora assim como o futuro. O acontecimento condensa essa inscrição no presente e nos dá uma idéia do que é entendido como ‘eternidade de um momento’. O tempo linear, assim como o tempo do instante são formas de ver o tempo, e estão sempre relacionados ao que existe.

Todos os estados mentais que experimentamos são instantes do tempo, os seres existentes são tempo, o bambu é tempo, um livro é tempo, este escrito é tempo. Os momentos não são empilhados para formar uma linha, isso é construção mental nossa. Sujeito e objeto são tempo, prática e experiência são tempo. O encadeamento dos pensamentos nos dão essa sensação de continuidade do tempo. Se podemos experimentar o silêncio, essa continuidade desaparece, e em seu lugar surgem espaços descontínuos, intervalos entre os instantes em que não podemos dizer que existimos nem que não existimos, simplesmente nada podemos dizer desse intervalo de tempo. Não há mesmo experiência ou consciência da existência nesse silêncio do tempo.

Em geral não é possível perceber isso. Ou podemos mesmo ter alguma experiência de entrar em contato com essas dimensões da experiência existencial por alguns instantes, mas voltamos às nossas concepções anteriores. O cultivo do silêncio completo, corpo e mente

quietos, permitem conhecer a realidade sobre os fenômenos, no sentido de experimentar a impermanência, em sua instataneidade. Cada coisa aparece como aquilo que é, sendo. A cada instante. Esse sendo não traz em si a idéia de uma continuidade, mas de uma qualidade incessante, de instantes existenciais de tempo.

O pensamento de Dogen coloca que toda compreensão, por mais abrangente e amadurecida que possa ser, somente pode ser considerada efetiva na medida em que modifica a ação, a forma de entrarmos em contato com cada situação. E que a mudança de nossa condição coletiva começa pela transformação em nós mesmos de nossa forma de conceber a realidade e de com ela nos relacionarmos.

Um elemento nos chamou a atenção a partir das investigações realizadas: a relação com a dimensão do tempo se dá de forma diferenciada, incluindo dimensões lineares de um tempo cronológico, dimensões circulares de um tempo simultâneo e dimensões absolutas de um tempo instantâneo que parecem afetar substancialmente as relações de aprendizagem na pedagogia zen. Percebemos que uma investigação acerca do tema poderia nos oferecer subsídios para pensar o tempo e sua relação com o educar inseridos no que Dogen aponta como uma relação não-dual. Que implicações essas diferentes compreensões da relação com o tempo podem trazer para a educação procuraremos compreender a partir de nossos estudos atuais.

O exercício de pensar o educar, a partir dessa experiência de tempo não pode mais atender a uma perspectiva de acumulação de conhecimento, a partir das referências externas e preexistentes. Mas precisa inaugurar a possibilidade de realização de cada um de sua singular experiência de aprender a ser. E mesmo o vivido não pode ser considerado como uma bagagem que se carrega pela vida e que pode responder pelas atuais situações. Mas apenas naquilo que produz de transformação na atualização constante de nosso ser-sendo, apresentar ao instante o que somos e que constitui nossa existência-tempo.

Algumas inquietações emergem dessas reflexões, tais como as implicações dessa perspectiva para o educar considerando os vários níveis de realidade de nossa experiência existencial, assim como as transformações que essa mudança de compreensão acarreta para o nosso viver conjunto, e que formas de partilha e comunicação dessa experiência são possíveis e desejáveis. A partir do que chamamos tempos do educar, nossa proposta de investigação prossegue através do exame de nossa própria experiência diária, da investigação através do silêncio na prática meditativa, do aprofundamento na leitura da obra de Eihei Dogen, assim como do diálogo com autores que contemporaneamente nos apresentam a educação aberta a uma aproximação transdisciplinar.

Educar nesse sentido seria favorecer a reflexão e o descobrimento do caminho próprio de cada um, a partir de uma elaboração pessoal de diferentes visões e contribuições. Pensamos que nesse contexto, a compreensão da relatividade de nossas concepções e a liberação em relação a posições dogmáticas, ao mesmo tempo em que expandimos nossa compreensão das relações entre os diversos fenômenos que compõem a nossa realidade, podem nos ajudar a encontrar uma via de construção de nossa condição conjunta existencial, em meio às diferenças que nos são características:

“A ética transdisciplinar recusa toda atitude que recusa o diálogo e a discussão, seja qual for sua origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política ou filosófica. O saber compartilhado deverá conduzir a uma compreensão compartilhada baseada no respeito absoluto das diferenças entre os seres, unidos pela vida comum sobre uma única e mesma Terra” (CONGRESSO DE ARRÁBIDA, 1994, artigo 13)

Para caminhar nessa direção, pensamos que esse estudo poderá oferecer contribuições para ampliar as possibilidades de conceber o fazer pedagógico incluindo experiências ainda excluídas do contexto educacional, mas já reconhecidas pelo seu valor educativo, enquanto processo contínuo de aprender a ser.

Para isso, pensamos estruturar nosso estudo em momentos de revisão da literatura relacionada ao nosso tema, articulados a momentos dialógicos em que a partilha das diferentes concepções sobre as possibilidades educativas seja integrada à oportunidade de estabelecer um diálogo com a perspectiva apresentada pelo zen budismo, a partir do Mestre Dogen. Esta vivência e reflexão nos permitem elaborar nossa práxis em termos que vão além do contexto específico desta escola, para caminhar na direção de um educar para a vida.

Esse educar para a vida nos leva a pensar numa perspectiva transdisciplinar, abrindo espaço para um alargamento das possibilidades de pensar a educação, que é definida atualmente como uma perspectiva que aborda:

“o que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente...” (NICOLESCU, 2000, p.15).

A relação entre o estudo científico e os conhecimentos antigos é considerada de fundamental importância na medida em que apontam para uma compreensão mais abrangente dos fenômenos que investigamos:

“Reconhecemos a urgência da busca de novos métodos de educação que levem em conta os avanços da ciência, que agora se harmonizam com as grandes tradições culturais, cuja preservação e estudo aprofundado parecem fundamentais” (NICOLESCU, 2000)

Uma racionalidade que percebe uma relação complementar entre ciência e tradição, e que aponta para uma relação necessária entre conhecimento e sustentabilidade da vida, no sentido de que o saber deve estar em sintonia com a preservação das condições fundamentais de bem estar e renovação da vida de todos os seres.

Pretendemos que, a sistematização das experiências vividas ao longo desse estudo inicial se configure como uma comunicação de um percurso, que não se esgota com o final desse período de estudos. Mas avança como aprendizado incessante. Comunicar assume o significado de partilhar e participar do movimento contínuo de construção/ desconstrução do educar como exercício a ser re-inaugurado por cada aprendiz, numa atitude filosófica própria e apropriada.

Leituras de Referência:

1. ABBAGNANO, Nicola – **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
2. BARSA – **Novo Dicionário Barsa das Línguas Inglesa e Portuguesa** – New York: Meredith Publishing Company, 1979
3. BERGSON, Henri – **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
4. BOFF, Leonardo – **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela Terra** – Petrópolis-RJ: Vozes, 1999
5. BRANDÃO, Zaia (org.) – **A Crise dos Paradigmas e a Educação** – São Paulo: Cortez, 2001
6. CENTRANS. **Educação e Transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRIOM, 2002
7. CONGRESSO DE ARRÁBIDA, Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade. Carta de Transdisciplinaridade, Portugal, Convento de Arrábida, 1994. Disponível na

- Internet: <http://perso.club-internet.fr/nicol/ciret/bulletin/12/bcgpor.htm>, acesso em 26/10/2005.
8. CONGRESSO DE LOCARNO, Que universidade para o amanhã? Em busca de uma evolução transdisciplinar da universidade. Disponível na Internet: <http://perso.club-internet.fr/nico/ciret/locarno/locapor4.htm>, acesso em 26/10/2005 Locarno, Suíça, 30/04 a 02/05 de 1997.
 9. DOGEN, Eihei – **A Lua Numa Gota de Orvalho – Escritos do Mestre Dogen** – São Paulo: Siciliano, 1993-1
 10. DOGEN, Eihei – **Fukanzazengi in Soto Shu Sutras (frente em japonês / verso em inglês)**– Tokyo: Soto Shu Shumucho, 1986
 11. DOGEN, Eihei - **Shobogenzo – Vol. 1 – 2ª edition - translated by Gudo Wafu Nishijima & Chodo Cross**, Tokyo – Japan: Ed. Windbell, 1998.
 12. DOGEN, Eihei - **Shobogenzo – Vol. 2 – translated by Gudo Wafu Nishijima & Chodo Cross**, Tokyo – Japan: Ed. Windbell, 1996.
 13. DOGEN, Eihei - **Shobogenzo – Vol. 3 – translated by Gudo Wafu Nishijima & Chodo Cross**, Tokyo – Japan: Ed. Windbell, 1997.
 14. DOGEN, Eihei - **Shobogenzo – Vol. 4 – translated by Gudo Wafu Nishijima & Chodo Cross**, Tokyo – Japan: Ed. Windbell, 1999.
 15. GALEFFI, Dante Augusto – **Filosofar & Educar** – Salvador: Quarteto, 2003.
 16. GARCIA, Célio (org.) – **Um Novo Paradigma – Em Ciências Humanas, Física e Biologia** – Belo Horizonte: UFMG/ PROED, 1987.
 17. GONÇALVES, Ricardo Mário - **Textos Budistas e Zen Budistas**, São Paulo – SP: Cultrix, 2000.
 18. Heidegger, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I e II. RJ: Vozes, 2004.
 19. KODERA, Takashi James – **Dogen's Formative Years in China**, Boulder - Colorado / USA: Prajna Press, 1980.
 20. MELLO, M. F., **Transdisciplinaridade, uma visão emergente. Um projeto transdisciplinar**. Disponível na Internet: <http://www.cetrans.futuro.usp.br/gödelianos.htm>, acesso em 26/10/2005.
 21. MORIN, E. – **Complexidade e Transdisciplinaridade**. Natal: EDUFRN, 1999.
 22. MORIN, E., **O Pensar Complexo**, Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
 23. NICOLESCU, B., **A evolução transdisciplinar da universidade – Condição para o desenvolvimento sustentável**. Disponível na Internet: <http://perso.club-internet.fr/nicol/ciret/bulletin/12/b12cgpor.htm>, acesso em 26/10/2005.

24. NICOLESCU, B., **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO,2000
25. OKUMURA, Shohaku – **Dogen Zen** - Tokyo – Japan: Soto-shu Shumicho, 1995.
26. OXFORD – **Oxford Advanced Learner’s Dictionary of Current English, sixth edition**
– **CD ROM** - New York: Oxford University Press,2002
27. PLATÃO – **Timeu**, Lisboa: Instituto Piaget,2005.
28. SEKIDA, Katsuki – **Zen Training, Methods and Philosophy** – New York:
Weatherhill,1992.
29. SUZUKI, Daisez Teitaro. – **A Doutrina Zen da não –mente** - São Paulo:
Ed.Pensamento,1989.
30. SUZUKI, Daisez Teitaro – **Manual of Zen Buddhism** – New York: Grove Press, 1960.
31. TOKUDA, Ryotan – **Psicologia Budista** – Rio de Janeiro: SSZB, 1997.
32. TOKUDA, Ryotan – **Teoria do Caos e Complexidade no Budismo in: Flor do Vazio,**
ano 6,vol.1,p.9-32 – Minas Gerais: Sociedade Soto Zen do Brasil,2002
33. YOKOI, Yuho – **Zen Master Dogen** - Tokyo – Japan: Weatherhill, 1990.